

historia cultural y literaria de Portugal. Por otro lado, se pone al alcance de especialistas y público en general la única versión portuguesa, actualizada y revisada, de los *Anales* de Tácito. Felicitamos a Ricardo Nobre por el ingente trabajo llevado a cabo y a Edições Colibri y al Centro de Estudios Clásicos de la Universidad de Lisboa por materializar esta propuesta que recupera una importante fuente para comprender la historia de Europa.

Dora Gago, *Palavras nómadas*, Ed. Húmus, Famalicão, 2023, 218 pp.

Sílvia Quinteiro

Universidade do Algarve

smoreno@ualg.pt

<https://orcid.org/0000-0003-1809-7341>

Quando alguém publica um livro, é comum ouvirmos a expressão “mais um filho”. Uma expressão que se usa para referir a dedicação, o trabalho e o amor contidos naquele objeto que, em determinado momento, tal como um filho, se partilha com o mundo. No caso de *Palavras Nómadas* (2023), de Dora Gago, esta expressão pode ser utilizada com outro sentido, o da relação genética que existe entre uma mãe e um filho. De facto, este é um livro singular, com textos irrepetíveis e que só poderia ter saído de uma mão, ou, se preferirmos, de uma mãe: de uma viajante encantada com os destinos, com os mistérios que estes lhe reservam, com a descoberta; de alguém que encara com enorme humor os pequenos e grandes incidentes da viagem. Porém, a mão que escreve este livro é também condicionada pelo facto de ser a de alguém com um olhar informado e analítico. O olhar de uma professora e investigadora rigorosa na área da Literatura Comparada, que transparece a cada momento na forma como se posiciona perante o Outro e como estabelece conexões, nomeadamente entre textos, autores, personagens e factos históricos. Mas a cadeia de ADN da mãe destes textos é composta por uma outra

molécula determinante para o resultado final: a sua origem no barrocal algarvio. Este é, de facto, um conjunto de crónicas que só poderia “ser filho” de uma mãe, a Dora Gago.

O volume *Palavras Nómadas* é composto por um conjunto de 50 crónicas, quase todas crónicas de viagem. E poderíamos ser tentados a pensar que, ao organizá-las num livro, a autora nos estaria a convidar para entrar numa viagem “estruturada” e linear, ao estilo de um passeio turístico, mas não é nada disso que temos pela frente. Na verdade, a autora convida-nos desde o início para uma experiência totalmente diferente. O título, *Palavras Nómadas*, invoca desde logo as ideias de errância e de incerteza que associamos àqueles que procuram sustento onde o houver. São palavras nómadas porque assinalam os lugares pelos quais a autora viaja enquanto profissional na busca do seu sustento (seja como professora ou como investigadora), sendo que, mesmo nos breves momentos em que a autora nos surge como turista, os destinos escolhidos são condicionados por esta sua circunstância.

Temos, pois, um volume que consiste numa sequência de crónicas que nos transportam de um lado para o outro, ao ritmo da vivência nómada da autora e das “portas da memória” (Gago 2023:17) que ela própria decide abrir-nos a cada momento.

Uma das crónicas intitula-se “De Oriente a Ocidente: o Ano do Tigre em São Brás de Alportel” e, aí chegados, vem-nos à mente o filme de Daniel Kwan e Daniel Scheinert, *Everything Everywhere All at Once* (2022). Em parte, pela presença abundante de um imaginário asiático e pelo contraste Ocidente/Oriente, mas também, se não mesmo principalmente, pelo cariz desconcertante de permanente imprevisibilidade relativamente aos universos a que autora nos irá conduzir, às temáticas que abordará, às personagens familiares ou absolutamente inusitadas que com que nos irá confrontar nas próximas páginas.

Não há, pois, nestas crónicas uma lógica na sequência dos destinos que seja previsível para o leitor. Não nos é possível antever a passagem de um ponto para outro, como sucede em muitos outros livros desta natureza, nos quais o percurso é mais ou menos linear, ou o objetivo das deslocações permite ao leitor adivinhar o destino que se segue, ou, ainda, em que há pistas no final de cada crónica relativamente à seguinte. E esta incerteza, o não sabermos para onde o turbilhão nos irá levar, é um dos fatores que mais contribui para o

entusiasmo e a curiosidade com que se lê este livro. Tudo é completamente inesperado: o lugar, o tema, as personagens...

A autora presenteia os seus leitores com uma escrita limpa, despretensiosa, aparentemente fácil. O livro lê-se com imenso prazer e sem esforço. Porém, como todos os textos com estas características, também estas crónicas oferecem inúmeras camadas de sentido, inúmeras leituras possíveis, em função da bagagem cultural do leitor. E, assim, se uma leitura mais superficial poderá ser feita sem grandes paragens ou desvios, uma leitura mais profunda, mais conhecedora das referências evocadas, faz-nos parar a cada momento, refletir sobre as questões que coloca e muito particularmente evocar memórias relativas à leitura dos múltiplos textos que a escritora invoca. A intertextualidade é, de resto, uma das características mais marcantes, mais valorizadoras deste livro.

Vejamos, então, as múltiplas viagens que *Palavras nómadas* nos sugere (nomeadamente viagens proporcionadas pela leitura de outros textos). Por exemplo, e só mesmo a título de exemplo, porque os casos são recorrentes ao longo de todo o livro, na página 94, encontramos na Turquia – a crónica intitula-se “Em Istambul, pela mão de Öhran Pamuk” –, quatro páginas adiante mergulhamos na realidade norteamericana, com a crónica “A sombra de Lovecraft sobre Providence”, e avançando mais cinco páginas, caminhamos com Dora Gago pelas ruas de Londres, numa crónica intitulada “Londres, ou “o outro lado do espelho”. Estas passagens abruptas de um universo para outro completamente distinto, tendo como único elo de ligação a protagonista, remetem-nos para uma outra obra e para uma personagem que estão implícitos neste título e com a qual a própria autora se compara algumas vezes: *Alice* de Lewis Carroll. *Alice do outro lado do espelho* ou, diria eu, Dora no outro lado de um espelho que atravessa subitamente, criando um vórtice que arrasta o leitor para essa experiência mágica e sempre surpreendente, que como já disse, estimula a curiosidade e a leitura. A este propósito, atentemos no seguinte excerto de “As amendoeiras em Pequim”:

De repente, sinto esse sopro. Mais do que um sopro: um grito branco a rasgar os tons acastanhados e cinza da paisagem árida em que mergulho na Grande Muralha da China. É Abril. Estou a mais de 11 000 kms do meu Algarve natal, a quatro décadas do mundo genesiaco da infância, das amendoeiras que começam a florir em finais de Janeiro, da lenda da princesa nórdica e do príncipe árabe

que as plantou para dar à sua amada a ilusão da neve. Estou num outro lado do mundo (Gago 2023: 115).

Não no outro, mas num outro lado do mundo, porque para Dora há muitos mundos e, como tal, muitos outros lados do mundo.

A narradora destas crónicas é uma viajante, uma emigrante, uma nómada, uma expatriada e, apenas brevemente, também uma turista.

Paul Theroux diz-nos, em *A arte de viajar*, que “Viajar não é ir de férias, e muitas vezes é o oposto do descanso” ([1979] 2012: 36). E esta frase sintetiza bem aquilo que são as deslocações de Dora. Ela não surge aos nossos olhos como uma “(...) uma criatura feliz, que parte por este mundo com a sua máquina fotográfica a tiracolo, o guia no bolso, um sucinto vocabulário entre os dentes” (Meireles ([1953] 1998-99: 101). Ser viajante implica esforço, implica fazer os seus planos, traçar os seus percursos, procurar casa, adequar-se aos horários, tratar de questões burocráticas como passaportes e vistos, descobrir qual o melhor transporte, qual a melhor estratégia para lidar com pessoas cujos hábitos e culturas estão nos antípodas dos do viajante. Significa apreciar o desconhecido, procurar a imersão na cultura do Outro, compreendendo que, naquele momento, naquele lugar, eu-viajante sou o Outro. E a autora transpõe toda esta experiência para as suas *Palavras nómadas* de uma forma excecional, cativante, transformando os episódios mais dramáticos (que aterrorizariam qualquer turista, e até mesmo um viajante menos vocacionado), em situações que ultrapassa com muita ironia e um sentido de humor capaz de desarmar qualquer desgraça. Se não, vejamos o excerto da crónica “We no happy... we go”, que transcrevemos abaixo:

Finalmente, de chave na mão, subimos as escadas e deparamo-nos com o facto de a porta de um dos quartos ter sido “mordida” por alguma fera raivosa, ou por uma criatura simplesmente desiludida com a reserva feita no booking. Na verdade, a parte de baixo da porta parecia haver sido destruída à dentada. Uma das casas de banho inundava, já que a zona do chuveiro não tinha escoamento. E quanto à paisagem? Oh, maravilha das maravilhas! Uma vala imensa de cheia de lama pertencente a uma obra mesmo em frente aos quartos, um ao lado do outro, com uma grua que guinchava incessantemente num hhhhhiiiiinnnnn de arrasar os nervos. E mar? Ah, sim haver até havia, mas muito lá ao longe, mesmo no fundo do longínquo horizonte, acessível através de um binóculo com uma boa lente (Gago 2023: 78).

E é com o mesmo humor e otimismo, que a autora encara o seu sentido de desorientação, que, caso contrário, seria desesperante para quem viaja com tanta regularidade. Diz-nos em “Londres, ou ‘o outro lado do espelho”

Ensaio esquinas, ruelas – conheço bem o meu sentido de desorientação, sei que me perco em Londres da mesma maneira que o faria numa aldeia com meia dúzia de ruas – onde tomaria inevitavelmente os cinco destinos errados antes de acertar o correcto. Mas andar perdida em espaços conhecidos ou desconhecidos tornou-se-me, desde há anos, uma simples forma de existir, de estar viva. Em resposta à máxima de Descartes “penso, logo existo” eu imponho o meu “perco-me, logo existo” (Gago 2023: 104).

Para a autora, a incapacidade de encontrar o caminho transforma-se assim na possibilidade de descobrir novos caminhos, numa oportunidade para conhecer o que caso contrário não teria conhecido.

Ainda procurando traçar o perfil desta viajante, podemos afirmar que ela é, em grande medida, uma viajante literária. Uma viajante que, carregando na sua mochila um conjunto muito alargado de referências literárias, lê o território em função dessas referências, parecendo, a todo o momento, estar a procurar marcas da sua presença no espaço físico, provas que confirmem *in loco* as leituras que fez e a própria existência dos escritores que viajam consigo. O entusiasmo que Dora sente quando pisa os caminhos trilhados pelos autores e personagens que povoam o seu imaginário é óbvio e característico dos viajantes e peregrinos literários. Exterioriza-o em “Londres, ou ‘o outro lado do espelho””, quando afirma:

(...) percorrer Londres assemelha-se a caminhar entre nuvens de bruma onde a História, a Literatura e a Arte em geral, trilharam passos indeléveis. Imagino cada uma destas esquinas percorridas por Dickens, por Virgínia Woolf, por Óscar Wilde, por tantos outros que gravaram na pedra da memória o seu nome e a sua obra (Gago 2023: 103).

Em *Palavras nómadas*, estas interseções da ficção e das vidas dos escritores com o território é frequentemente assinalada nos títulos das crónicas, predispondo o leitor para, como a narradora, ler as crónicas condicionado por esta informação. Uma informação que é clarificada e, muitas vezes, alargada a outros textos e autores no corpo da crónica.

A autora desenha a sua própria cartografia literária. São exemplos disso crónicas como “Em Amherst: no universo de Emily Dickinson”, “Em Istambul, pela mão de Ohran Pamuk” e “A sombra de Lovecraft sobre Providence”.

Mas, mais do que influenciar a leitura dos espaços visitados, as referências literárias de Dora Gago condicionam a leitura e a representação que faz dos acontecimentos e das personagens, como fica bastante claro na crónica “A visitante”, passada no Uruguai, em Montevideu. Vejamos um excerto:

Minutos depois, chegam mais alunos e a sala enche-se. Começam as apresentações. De súbito, a porta da sala abre-se, surgindo uma senhora franzina, curvada sobre uma bengala, de aspecto tão corroído pelo tempo que parece ter, à vontade, bem mais de duzentos anos. Abre a porta, entra, para a meio da sala, olhando fixamente para mim. Eu que tinha sido enviada pelo Instituto Camões para leccionar português, na altura com conhecimento limitado de espanhol, deparo-me com a sua repentina fúria. Ergue aos céus a maciça bengala, apontada na minha direcção, enquanto berra ¿PERO QUE IDIOMA RARO HABLA USTED? (...) Há uma cascata de insultos a atropelarem-se, a escaparem ao meu entendimento. Não sei de que tempo nem de que mundo veio aquela personagem (...). Embaraçados os alunos tentam explicar: ela teria sido Inspectora Geral do Ensino (...) e, por vezes era acometida de certos episódios de demência que a faziam “assombrar” as aulas da Universidade da República. Uma personagem que poderia ter saído das páginas de Horacio Quiroga, de Felisberto Hernández, Julio Cortazar, García Márquez ou tantos outros” (Gago 2023: 18-19).

De facto, esta personagem fantástica e fantasmagórica da inspetora demente é uma figura suficientemente mágica para que não a concebamos como um ser do nosso tempo e do nosso mundo e suficientemente real para nos comover e gerar a nossa empatia, pelo que, como afirma a autora, poderia perfeitamente ter saído das páginas de um romance de um qualquer escritor do Realismo Mágico.

Este é apenas um exemplo de como a escrita desta nómada está imbuída do espírito literário dos lugares, de como viaja com os escritores e os livros e nos faz viajar com ela por esses universos da ficção.

É, no entanto, preciso clarificar que, não obstante a presença da literatura ser transversal a estas crónicas, ela é, por vezes, apenas o mote

para a reflexão sobre um conjunto de temas que partem de episódios como uma simples ida ao dentista em “No dentista com o Pikachu” (2023: 73). E se episódios como este e o recurso ao humor nos transmitem uma aparente leveza, a verdade é que a autora rapidamente deriva destes pequenos apontamentos, do episódico, do cômico, ou do tragicômico, para reflexões sobre as mais diferentes questões de interesse cultural, ambiental, político (no sentido mais universal do termo) e social. Para usar uma metáfora que lhe é particularmente cara, a autora envolve os pequenos carochos que são os episódios da sua vida numa polpa carnuda e sumarenta de reflexões e de convites à reflexão, como sucede em “As encruzilhadas do feminismo – de Salem ao peso do ar condicionado”:

Passo agora à segunda imagem. Revejo-a em plena rua, sob um intenso calor — aquele terá sido um dos meses mais quentes no Massachusetts, com temperaturas acima dos quarenta graus — uma jovem franzina, loira, pálida, cambaleia tentando carregar uma caixa de papelão. Para além de frágil, parece ter dificuldades de locomoção, provocadas por alguma deficiência. Uma imagem desesperante: ela dá um ou dois passos e irremediavelmente tem de pousar a embalagem. Entretanto, passam vários homens, de porte atlético, alguns nas suas corridas de fim de tarde, mas nenhum se acerca dela, nem mostra qualquer intenção de ajudar. Pergunto-lhe se quer ajuda e ela, agradecida, responde imediatamente que sim. E lá vamos, inventando maneiras de carregar o caixote com o peso dividido, de modo a conseguirmos suportá-lo, o que se torna verdadeiramente penoso. A hipótese de apanhar um táxi não existe, visto que estamos num troço de rua pedonal. O que carregamos é um pesado aparelho de ar condicionado. A jovem franzina, que coxeia e mal conseguia andar, confessa-me ter dado à luz um bebé há poucos dias. O marido ficou em casa, quis descansar, pois não gosta de sair quando faz calor, e o ar condicionado faz tanta falta... Indigna-me aquela atitude: que homem sujeita uma mulher ainda com as sequelas de um parto a um esforço daqueles, pondo-lhe em risco a saúde, enquanto ele permanece tranquilamente em casa? Lentamente, conseguimos transportar o caixote até ao apartamento dela, com várias pausas, entre o suor que nos percorre os corpos e as mãos doridas, vincadas pelo peso. Por fim, abraça-me ainda incrédula acerca do nosso feito, grata (Gago 2023: 91-92).

Mais uma mulher em Salem a carregar o peso da condição feminina, a carregar a herança das suas avós bruxas, aí executadas. A mão da narradora, a mesma que em momentos do seu percurso teve de

fingir ter marido para poder prosseguir viagem, que se solidariza com outra mulher que poderia ser de Salem, de Cabul, ou de São Brás de Alportel.

Por entre os diversos e dispersos temas, episódios, lugares, personagens, odores, sabores, cores que saltam destas crónicas, desvendamos sempre retratos da condição humana, da nossa condição de seres humanos que, no barrocal algarvio, em Macau, na Índia, ou noutro ponto qualquer deste pequeno mundo que partilhamos, vão ao dentista, procuram um resolver uma infiltração em casa, carregam um ar condicionado... São por isso comparáveis e o olhar comparatista da investigadora não pode deixar de detetar os elos que nos unem, como explica em “Em Amsterdão, na ronda da noite”:

Retorno ao meu grupo de observadores, do lado de cá, pensando neste meu vício de comparatista, este defeito profissional de estabelecer paralelismos, de alinhar detalhes com as linhas da intertextualidade. Mais do que a ideia do palimpsesto, eterno pergaminho onde os textos se vão reescrevendo constantemente uns por cima dos outros, emerge a premissa de que nunca estamos sós (Gago 2023:114).

E, para terminar, recuperamos aqui as palavras da autora que chama a estas suas crónicas “farrapos de vida”. Ao longo do livro, o leitor nunca é informado sobre qual foi o critério aplicado na sua edição. Não lhe é dito qual é a “linha que cose” estes farrapos, que os une de forma a que, apesar destas regulares idas aos muitos outros lados do espelho, estas passagens alucinantes de um espaço físico para outro, de uma cultura para outra, de um tema para outro, o leitor sinta, porque sente de facto, que há uma conexão entre todos eles. Trata-se de farrapos, sim, mas de farrapos que, ao serem reunidos num único volume, deixam de ser para se transformarem em capítulos, de “uma espécie tosca de imperfeitíssimo romance autobiográfico” (Gago 2023: 204).

É a narradora que classifica o seu livro desta forma, mas a verdade, não há nada de tosco nem de imperfeito nestas crónicas, e os adjetivos utilizados aplicam-se apenas na medida em que não é de facto um romance, mas um conjunto de textos de carácter autobiográfico que a autora reúne como forma de “arrumar” e narrar uma fase da sua vida, como percebemos pelo título da crónica que encerra o volume: “Um nó para atar a vida”.

Bibliografía

Meireles, Cecília [1953] (1998-99): *Cecília Meireles: Crônicas de viagem. Vol. 2*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

Theroux, Paul ([1979] 2012: 36): *A arte da viagem*, Lisboa, Quetzal.

Domingo Frades Gaspar, *Versus Valeoris da nosa fala. Obra poética mañega*. Edición y traducción de Ana Alicia Manso Flores y Xosé-Henrique Costas González, Mérida, Editora Regional de Extremadura, 2022, 355 pp.

Juan M. Carrasco González

Universidad de Extremadura

jcarrasc@unex.es

<https://orcid.org/0000-0002-2097-4553>

Domingo Frades Gaspar fallecía pocos días antes de la presentación de este libro en el Museo Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo de Badajoz. En él se recoge toda su obra poética escrita en mañego, una de las tres variedades de la fala cacereña hablada en los municipios de Valverde del Fresno, Eljas y San Martín de Trevejo. Afortunadamente, Domingo Frades aún pudo sostener entre sus manos un ejemplar de esta edición y comprobar con satisfacción que algún reconocimiento recibió, aunque tardío, por parte de la administración extremeña, al menos en lo que toca a los responsables de la Editora Regional de Extremadura. Hace ya mucho tiempo, en 2004, que Galicia se había adelantado nombrándole socio correspondiente de la Real Academia Galega.

El autor fue, sin duda, el mayor valedor del mañego de San Martín y de toda la fala a lo largo de su vida, y de ahí el acertado título escogido para reunir la totalidad de su producción poética, édita e inédita: cuatro obras datadas entre 1976 y 2004 más un poema de 1999